

Brasil perde a relevância entre os investidores que buscam emergentes

— Gestores globais colocam economia brasileira em segundo plano e reforçam aposta em Índia e Taiwan; queda da China e incertezas fiscais contribuem para movimento

LUÍZ DUILHERME DERBELLI
THAIS FORSCH

Ao longo dos últimos anos, o Brasil tem visto a sua relevância encolher entre os países emergentes como destino de investimentos internacionais. Gestores de recursos têm redirecionado sua atenção para a Ásia, em especial Índia e Taiwan.

Um termômetro que aponta para essa perda de relevância do Brasil é o índice Morgan Stanley Capital International (MSCI) Emerging Markets (mercados emergentes). No último balanço do índice, em novembro, a participação do Brasil foi de 4,5%. No auge, no fim de 2009, o País chegou a responder por 16,3%.

Composto por papéis de companhias de 24 países, o MSCI serve de referência na estratégia de alocação de recursos para investidores, gestores de ativos e tomadores de decisão financeira em todo o mundo. Na prática, a queda da represen-

ta do Sul (9,73%).

“O Brasil tem corrido o risco de ser mais ignorado pelos investidores globais. Quando (sua participação) chega próxima de 4%, se transforma num tamanho em que o investidor já começa a poder deixar (o País) de lado, não precisa prestar tanta atenção e ter times dedicados para olhar o mercado”, diz Fernando Ferreira, estrategista-chefe da XP Investimentos.

Assim como a brasileira, a economia chinesa já teve uma representatividade maior – já alcançou 40%. No início dos anos 2000, o gigante asiático chegou a crescer acima de dois dígitos por vários anos, impulsionando a atividade econômica global. Hoje, porém, tem dificuldade para entregar a meta de crescimento de 5%.

“A dúvida não é se a China vai subir, mas sim o quanto ela vai cair daqui para frente. Quem está se beneficiando disso é a Índia”, afirma Michel Frankfurt.

A Índia tem se beneficiado de um crescimento consistente.

PESO DOS PAÍSES

Brasil representa 4,5% do índice Morgan Stanley Capital International de mercados emergentes

DADO DO MÊS DE NOVEMBRO



FONTE: MSCI (INFORMAÇÕES ESTADÍSTICAS)

maram muito bem, e a Ásia tem empresas relevantes”, diz Ferreira. “Tem muito a ver com o que o investidor está buscando e onde está o crescimento.”

EM QUEDA. A perda de participação brasileira foi influenciada tanto por fatores externos quanto internos.

No lado externo, o menor crescimento da China contribuiu para uma queda do pata-

mar dos preços das commodities em relação ao pico registrado na virada da década passada. O Brasil é um grande exportador de produtos básicos, como soja, petróleo e minério de ferro. Portanto, o comportamento do valor das commodities sempre tem um impacto na Bolsa de valores brasileira e no câmbio.

“O crescimento do Brasil para o seu pico foi resultado do boom das commodities, que re-

forçou o avanço da Bolsa brasileira e também o câmbio nesse período”, diz José Maria da Silva, coordenador de alocação e inteligência na corretora Avenue. “A reversão desse ciclo levou à queda da Bolsa e à desvalorização cambial, que impactaram o peso do Brasil (no índice).”

“Nem todos os países enquadrados pelo Morgan Stanley como emergentes são produtores de commodities. Por exemplo, a economia indiana é muito focada na parte de serviços”, acrescenta Luiz Fernando Araújo, CEO da gestora Fimacap.

Como fator interno, há uma grande incerteza com relação às contas públicas do País. E essa dúvida só cresceu depois da apresentação do pacote de contenção de gastos e do projeto de isenção do Imposto de Renda para as pessoas que ganham até R\$ 5 mil.

© MUNDO ESTÁ PERTO DE UMA GRANDE GUERRA COMERCIAL. DEZ BARRY ESCHENBERG

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Economia & Negócios Caderno: B Pagina: 1